

Anotações para uma história dos comportamentos silenciosos na modernidade: Castiglione e Della Casa

WILLIAM ZEYTOUNLIAN DE MORAES¹

Os usos do silêncio no âmbito da conversação cortês nas sociedades europeias do Antigo Regime figuram dentre os tópicos moralistas dos séculos XVI, XVII e XVIII, ainda que o tema permaneça negligenciado nos estudos historiográficos sobre o período. Considerando-se a importância das práticas da taciturnidade no interior de sociedades hierarquizadas fundamentadas em pressupostos de distinção moral, bem como os tipos idealizados de cortesão discreto, sábio e sigiloso, cabe reler obras consideradas fundadoras do pensamento cortesão europeu à luz de novas problemáticas. É o que pretende o presente artigo, ao debruçar-se sobre *O cortesão*, de Baldassare Castiglione e o *Galateo*, de Giovanni Della Casa em algumas de suas traduções francesas: mapear e analisar práticas, caracterizações e formulações sobre o silêncio nessas obras para, em seguida, levantar hipóteses sobre a circulação e possíveis usos desses livros na França dos séculos XVI e XVII.

Palavras-chave: silêncio, conversação, Castiglione, Della Casa, civilidade, cultura impressa.

Notes for a history of silent behaviors in modernity: Castiglione and Della Casa

The uses of silence in the scope of courteous conversation in European societies of the Ancien Régime are among moralist topics in debate during the 16th, 17th and 18th centuries, although the subject is still disregarded by historiographic studies on the period. Considering the importance of taciturnity practices within strongly hierarchical societies based on moral distinction assumptions, as well as idealized types of discreet, wise and confidant courtiers, we reread documents considered founders of the European courteous thought in light of new questions. This is the objective of this paper, based on French translations of Baldassare Castiglione's *The Book of the Courtier* and Giovanni Della Casa's *Galateo*: to track down and analyze practices, characterizations and formulations of silence in this documents in order to raise hypotheses on the circulation and possible uses of these books in 16th and 17th century France.

Key words: Silence, conversation, Castiglione, Della Casa, civility, print culture.

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo e bolsista Capes sob orientação do professor Bruno Feitler.

A conversação, enquanto prática e tema de reflexão moral, mobilizou boa parte das elites letradas da Europa ocidental dos séculos XVI, XVII e XVIII. Algo que chama a atenção em quase todos os textos da época que abordaram – mais ou menos detidamente – o assunto da arte de conversar é a diversidade de circunstâncias, movimentos corporais, costumes, formas de falar e aptidões colocados em debate, para além dos lugares-comuns. Considerando-se a “conversação” em seu sentido mais amplo, enquanto intercâmbio verbal, mas também de signos visuais e não sonoros; considerando a conversação segundo o emprego dado por muitos moralistas dos séculos XVI e XVII, ou seja, significando frequênciação, visitação, convivência²; enfim tendo em mente tal sentido alargado do termo, é possível compreender o grande número de debates e querelas surgidos, tratado após tratado, em torno do mesmo tópico, a “conversação”, e o mesmo objetivo: agradar nela.

Qualquer pesquisador interessado no processo de curialização das elites letradas na modernidade, o “processo civilizador”, por assim dizer, depara-se constantemente com análises e interpretações de alguns textos do quinhentos italiano. De forma geral, eles são vistos como os pais da conversação e da civilidade modernas. De fato, parece seguro afirmar que a circulação desses textos impressos assumiu – junto à prática cotidiana da vida em sociedade – um papel considerável no processo que deu forma e traços únicos à civilidade moderna. Na França, a *civilité* e a *honnêteté*, aparentadas diretamente à *urbanità* italiana, serão, durante ao menos dois séculos, “moeda de troca” de (auto)reconhecimento e distinção entre as camadas dominantes da sociedade. Dentre tais “italianos”, encontramos o toscano Giovanni Della Casa (1503 – 1556), Stefano Guazzo (1530 – 1596) e aquele de maior “escola” e tradição, o lombardo Baldassare Castiglione (1478 – 1529). O ponto comum entre as principais obras desses autores – de forma bem esquemática – reside na reflexão, feita de formas diversas, sob vozes e gêneros diferentes, acerca de comportamentos que pareciam – aos interlocutores – os mais convenientes aos dedicados à convivência.

Na Itália renascentista essa preocupação com a urbanidade, ou seja, com a habilidade de agir polida e convenientemente de acordo aos costumes de uma determinada cidade, pode ser explicada conforme a própria situação política das cidades da península. Com diferentes dialetos, usos e costumes, tornou-se preciso – para aqueles gentis-homens e cortesãos – o exercício de adaptação de uma realidade a outra. Para muitos tratadistas do período, “a questão era saber como municionar o seu discurso com regras suficientemente ajustadas para dar conta dessas diferenças”³. Em Roma ou Urbino, deve-se usar o dialeto toscano? Quais palavras antigas são de uso conveniente? Que tom assumiria um gentil-homem ao empregá-las? Desde o *Cortesão* de Castiglione, que tanto influenciou Della Casa e Guazzo, uma questão tornou-se central aos tratadistas da península, principalmente na segunda metade do século: como melhor conversar?

2 Eis duas abordagens distintas sobre o assunto. De acordo com Peter Burke, “no antigo latim clássico de Sêneca, *conversation* significava alguma coisa como ‘intimidade’. Esse uso também pode ser encontrado em dialetos no início do período moderno. Dessa forma, um tratado italiano recomenda evitar a *conversatione*, isto é, a companhia das pessoas maldosas. Em italiano, pelo menos no século XVIII, *conversatione* poderia se referir a uma reunião ou festa (...) Nicolas Faret, em *Honnête Homme*, usa o termo *conversation*, o que acontece com bastante frequência, quase sempre para se referir às relações sociais. O tratado de James Cleland sobre o cavalheiro também inclui o conceito de ‘conversação civil’ as companhias que um jovem deveria manter.” Peter Burke. *A arte da conversação*. São Paulo: Unesp, 1995. p. 127. No mesmo sentido, Marc Fumaroli explica que a “palavra, em latim, não induz em efeito a qualquer preeminência ou privilégio à palavra (...). Ela [*conversatio*] designa ‘estar junto’ e o *decorum*, entre outros de discurso, mas não somente de discurso, que liga entre si os membros de um mesmo grupo social e que faz cada um dentre eles se sinta *em casa*”. Marc Fumaroli. *La diplomatie de l'esprit*. De Montaigne à La Fontaine. Paris: Gallimard, 2001. p. 292. *Ce dernier mot, en latin, n'accorde en effet aucune prééminence ou privilège à la parole (...). Il désigne l'être ensemble' et le decorum, entre autres discours, mais pas seulement de discours, qui lient entre eux les membres d'un même groupe social et qui font que chacun d'entre eux s'y sent chez soi* (tradução livre).

3 Alcír Pécora. ‘Variações para conversas entre espécies de salão’ In: Morellet e outros. *A arte de conversar*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. XIX.

Dentre as proposições, caracteres e prescrições que perpassam os escritos desses autores, um comportamento parece-nos de particular interesse, embora “diluído”, por assim dizer, em meio a tantas temáticas. Trata-se do silêncio. Dissimulado por detrás da falsa “naturalidade” cotidiana que certos comportamentos de taciturnidade possuem ainda hoje – o silenciar de alguns sons corporais, a atitude complacente ante a fala de outrem, o silêncio de respeito a superiores, aos mortos, a ambientes sagrados e de estudo, para ficar em poucos exemplos –, o silêncio pode parecer um dado imutável, meramente sujeito à presença ou ausência de fala. Entretanto, se posta em perspectiva histórica, tal “naturalidade” do silêncio não sustenta-se. A regulação minuciosa da fala e do corpo segundo espaços, hierarquias e circunstâncias, o estabelecimento do silêncio como fator de distinção moral cujas fronteiras com a própria fala confundem-se foram, pelo contrário, um dos mais importantes fatores no processo de adestramento social na modernidade. O silêncio mudou com o tempo, assim como a proporção entre ele e a fala muda de lugar para lugar.

O tema ainda carece de pesquisa. Peter Burke realizou anotações acerca do silêncio que, apesar da brevidade e do caráter digamos “experimental”, demonstram ser este um tema constante em documentos, uma prática de usos e importâncias cambiantes em tempos e lugares, mas ainda pouco pesquisada. Tentaremos contribuir, portanto, com esse debate. Detendo-nos em *O cortesão*, de Castiglione, e *Galateo*, de Giovanni Della Casa – os “pais da conversação” moderna, segundo o epíteto empregado acima –, inicialmente analisaremos algumas edições francesas dos documentos. Dessa forma será possível formular proposições sobre a ampla difusão encontrada por esses textos. Feito isso, analisaremos as formas pelas quais as práticas e *topos* referentes ao silêncio perpassam as páginas em questão.

Castiglione e Della Casa: circulação e recepção

Tanto a obra de Castiglione quanto a de Della Casa fizeram sucesso por grande parte da Europa dos séculos XVI e XVII. Tal repercussão pode ser medida não somente pela quantidade de reedições e traduções, mas também de referências, críticas, imitações e atualizações feitas a partir desses textos. É possível afirmar que as obras de Castiglione e Della Casa fundamentam, em grande parte, o debate em torno das maneiras e usos na conversação prolongada a toda a modernidade, estendendo-se pelos séculos XVII e XVIII, atravessando cortes e salões, manuais de conduta, máximas, tratados, e encontrando nas figuras femininas importantes “mediadoras”⁴.

A respeito da recepção d’*O cortesão*, há disponível o estudo do inglês Peter Burke, já citado. Ao longo de seus capítulos, o historiador investiga não somente o contexto no qual foram escritos os quatro diálogos da corte de Urbino, mas também suas circulações, censuras, fama e tradição. Num dos apêndices, Burke lista as edições do texto desde sua primeira tiragem, de 1528 até 1850; lista que dá uma imagem clara da fama alcançada pela obra em todo o continente. Desde a primeira, de 1537, até a de 1690 figuram nesta lista 23 edições francesas do texto, impressas especialmente em Paris e Lyon. Se considerarmos, no entanto, que o latim e o italiano eram lidos por uma parcela das camadas letradas na França e que era prática comum no período um livro ser compartilhado por um grupo de leitores amigos ou familiares, constatamos que, de fato, a obra consistiu num verdadeiro fenômeno até o final do século XVI⁵. Depois disso, ainda que se verifique uma diminuição significativa nas edições, ficou a cargo de uma tradição francesa criar suas obras modificando, atualizando ou criticando a herança italiana⁶.

4 A obra de Benedetta Craveri reforça essa importante hipótese. Benedetta Craveri. *La cultura de la conversación*. 2ª ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2004.

5 Peter Burke. *As fortunas d’O cortesão: a recepção europeia a O cortesão de Castiglione*. São Paulo: Unesp, 1997. p. 18 e 171. Trata-se não somente de bibliotecas herdadas e livros oferecidos a soberanos, mas também do que Burke chama de “redes de leitores”, um grupo de conhecidos que faziam um impresso circular em seu círculo de amigos.

6 Idem. p. 142–144.

Três das 23 edições publicadas entre os séculos XVI e XVII estão disponíveis no *Gallica*, o portal online da Biblioteca Nacional da França (BnF). Ainda que o texto continue substancialmente o mesmo, as edições carregam algumas mudanças significativas entre si. A edição de 1537 é, dentre as francesas, a talvez mais próxima ao desejado por Castiglione. Pois já na introdução ao livro, ele declara-se *spaventato*⁷ com o perigo de ver seu texto *lacerato*⁸ “por mãos alheias”. Acrescida somente de uma breve apresentação que pouco fala do texto em si, a edição lionesa traduzida por Jacques Colin e editada com o privilégio do rei por Denis de Harsy tem no frontispício o título *Le quatre livres du Courtisan/ du Conte Baltazar de Castillon. Reduyct de la langue Italicque en François*⁹ e uma gravura. Na imagem vemos uma figura alada, provavelmente Dédalo, pai de Ícaro na tradição mitológica grega, apontando com a mão para o alto e um dedo para baixo: acima, o sol e a inscrição NE HAULT, abaixo um rio, montanhas e a inscrição NE BAS e ao meio MEDIOCREMENT¹⁰. Em seguida o texto em francês e nada mais.

Já a publicação de 1585 traz algumas mudanças e acréscimos. A começar pelo título da obra: *Le parfait courtisan du Comte Baltasar Castillinois, en deux langues, respondans par deux colonnes, l'une à l'autre, par ceux qui veulent avoir l'intelligence de l'une d'icelles*¹¹. Além disso, a edição possui uma dedicatória mais extensa do tradutor, Gabriel Chapuys, ao barão Nicolas de Bauffremont, membro do conselho privado do rei Carlos IX, texto em italiano e francês e com 30 páginas de índice por temas. Na dedicatória, Chapuys aponta para as dificuldades em traduzir “perfeitamente” o texto:

*Mais ie croy que, comme il est impossible de trouver (sinon en vous) un courtisan si parfait que l'on nous le décrit en ce livre, il est bien mal aisé aussi d'en faire une traduction, la quelle, à tous, semble parfaite & accompli de toute pointcs (...)*¹².

O texto é apresentado em duas colunas, de forma a satisfazer o julgamento daqueles interessados em ler cuidadosamente a obra. Havia preocupação com a fidelidade do texto de Castiglione, evidenciando a autoridade em matéria de cortesia que o autor já alcançara 57 anos após a primeira edição, colocado ao lado de autores clássicos.

*(...) le Comte Baltazar de Castillon, auter de ce livre, nous ait décrit un Courtisan tel que Platon nous a fait sa Republique, Xenophon son Roy: & Ciceron, son Orateur*¹³.

7 “Assustado”. Baldassare Castiglione. *O cortesão*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 4.

8 “Maltratado”. Idem.

9 Baldassare Castiglione. *Les quatre livres du courtisan du conte Baltazar de Castillon / réduyct de langue ytalique en françoys*. Trad. de Jacques Colin. Lyon: Denys de Harsy, 1537. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k49708n.langEN> Acesso em 18/09/2012 [Os quatro livros do Cortesão/ do conde Baltazar de Castillon. Reduzido da língua itálica em Francês] (tradução livre).

10 [nem alto] [nem baixo] [mediocremente].

11 Baldassare Castiglione. *Le parfait courtisan du comte Baltasar Castillinois*. Trad. de Gabriel Chapuis. Paris: N. Bonfons, 1585. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k754790.langEN>. Acesso em 18/09/2012 [O perfeito cortesão do conde Baltasar Castillinois, em duas línguas, correspondendo por duas colunas, uma a outra, para aqueles que querem ter a inteligência de uma delas] (tradução livre). Ainda sobre o mesmo tema, consultar o artigo de Carlo Ginzburg, ‘O alto e o baixo: o tema do conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII’. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 95-117.

12 [Mas eu acredito que, como é impossível de achar (senão em vós [o Barão de Bauffremont]) um cortesão tão perfeito como o descrito nesse livro, é bem menos fácil ainda fazer uma tradução que, a todos, pareça perfeita & plena em todos os pontos (...)] (tradução livre) Idem. p. 12.

13 [(...) o conde Baltazar de Castillon, autor desse livro, nos descreveu um cortesão tal como Platão nos fez sua República, Xenofonte seu rei: & Cícero, seu orador] (tradução livre). Idem. p. 8.

A edição de 1690 traz, igualmente, mudanças em vários aspectos. A começar pelo título:

*Le parfait courtisan et la dame de cour. Traduction nouvelle de l'italien du Comte Baltasar Castiglione. Ouvrage également avantageux pour réussir dans les belles conversations, & pour former les jeunes personnes de qualité de l'un & de l'autre sexe*¹⁴.

Devemos atentar para alguns termos empregados neste título. Em primeiro lugar, o sexo e a condição dos prováveis leitores. O título deixa bem evidente que a edição era destinada não somente à formação de homens, mas também mulheres. O desejo de educar moralmente o sexo feminino não devia parecer estranho aos leitores de alta extração na França do século XVII, uma vez que os grandes círculos sociais eram mantidos por *Madames* e *Mademoiselles*: Rambouillet, Sablé, Lafayette, Longueville etc. Indo um pouco além, o título alude à dama de corte, portanto ligada ao palácio real e não necessariamente aos círculos mundanos.

Em segundo lugar, o título da edição de 1690 evidencia a extração dos leitores: seriam jovens de qualidade. De acordo com o *Dictionnaire de l'Académie*, de 1694,

*Qualité, se dit aussi des Titres qu'on prend à cause de sa Naissance, de sa Charge, de sa Dignité, de quelque pretention, &c. Il prend la qualité de Prince, de Duc, &c. qualité d'Escuyer. qualité de bourgeois de Secrétaire du Roy*¹⁵.

A definição do dicionário mostra a proximidade do termo com designações hierárquicas e taxonômicas, não necessariamente ligadas à nobreza, como no caso do secretário com “qualidade de burguês”. Acreditamos, no entanto, que não cairíamos em erro se lêssemos a palavra de forma semelhante a *monde* [mundo] ou *société* [sociedade], segundo o emprego da época. Se *monde* designa, na maior parte dos casos, uma parcela da sociedade¹⁶, *société* é sinônimo de “boa sociedade”, ou seja, dos círculos essencialmente nobres. Desse modo, quando o editor recomenda a leitura à formação dos jovens de “qualidade”, dirige-se aos de “boa qualidade”, ou seja, nobres.

Em terceiro lugar, é significativo o fato do texto ser “vantajoso” para a formação dos jovens. Transparece a fortuna de textos pedagógicos ao longo dos séculos XVI e XVII, como a *Civilidade pueril* (1530) de Erasmo de Rotterdam (1469 – 1536), ainda que *O cortesão* não seja um tratado de educação para jovens. O recorte promovido pelo impressor, explicitado pela escolha do título, aponta uma “estratégia editorial” que visava dar caráter de manual ao diálogo do *Cinquecento*.

Por fim, o texto é “vantajoso” aos que desejam ter sucesso nas “belas conversações”. Este detalhe ajuda a reforçar o argumento anteriormente apresentado de que a qualidade dos jovens analisados acima seria de alta extração. As “belas conversações” seriam as cultivadas na “boa sociedade”. Nelas, todos os assuntos, o cuidado com o decoro, com a civilidade, o controle das paixões e dos humores, enfim, todos os esforços, devem voltar-se para a diversão dos convivas. Na França do século XVII, as *ruelles* frequentadas por muitas figuras da nobreza de espada seriam,

14 Baldassare Castiglione. *Le parfait courtisan et la dame de cour, traduction nouvelle de l'italien du Conte Baltasar Castiglione*. Paris: E. Loyson, 1690. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k75478n.langEN>. Acesso em 18/09/2012 [O perfeito cortesão e a dama de corte. Nova tradução do Italiano do conde Baltasar Castiglione. Obra igualmente vantajosa para ter sucesso nas belas conversações, & para formar as jovens pessoas de qualidade de um & outro sexo] (tradução livre).

15 Académie Française. *Le dictionnaire de l'Académie française, dédié au Roy*. Paris: Jean-Baptiste Coignard, 1694, t. 1 (A-L), p. 353-354 [Qualidade, se diz assim dos títulos que se possui por causa de seu nascimento, seu cargo, sua dignidade, de alguma pretensão, &c Ele tem a qualidade de príncipe, de duque, &c. qualidade de escudeiro, qualidade de burguês de secretário do rei] (tradução livre).

16 Idem. p. 82. *Monde. Se prend aussi pour la société des hommes dans laquelle on a à vivre, ou pour une partie de cette société* [Mundo. Se emprega assim para a sociedade dos homens na qual vivemos, ou para uma parte dessa sociedade] (tradução livre).

por excelência, o lugar da *conversation agréable* [conversaço agradável].

A obra trazia ainda o índice de assuntos já presente na edição de 1585 e um prefácio, no qual somos advertidos acerca do problema da tradução. Por outro lado, uma redução importante na obra é a ausência do texto no original. Seria necessário um estudo mais detalhado para levantarmos hipóteses seguras acerca dessa mudança; mas tais problematizações deveriam levar em conta o surgimento do público¹⁷, ao qual há alusão no prefácio, suas preferências, a historicidade da conversaço naquele ponto da história francesa e o fato de que essa é, muito provavelmente, a primeira edição de Castiglione em francês desde 1592¹⁸. Quase um século de lapso, portanto.

Tentamos explicitar ainda que, com um número limitado de edições francesas d’*O cortesão* em mãos, a obra foi alvo de estratégias editoriais diversas. A linha traçada entre o impresso de 1537 e o de 1690 é simbólica: saímos de um diálogo quase em estado original, cuja única particularidade é a tradução e a dedicatória, e chegamos a uma obra pensada para um público que deseja ser bem-sucedido na conversaço cortês. O mesmo aconteceu com a obra de Della Casa? Ou pela própria natureza do gênero tratadístico, o tratamento dado a ela pelos editores foi diferente? Lancemos os olhos sobre ela.

A respeito do *Galateo*, não há um trabalho historiográfico de fácil acesso semelhante ao de Peter Burke citado acima. Devemos a Benedetta Craveri o levantamento de algumas obras que podem auxiliar no mapeamento da circulação e da recepção do *Galateo* na França. Elas são *La politesse mondaine* de Maurice Magendie e o estudo de Mario Richter, *Giovanni Della Casa in Francia nel secolo XVI*¹⁹. Há, no entanto, algumas pistas que podem ajudar-nos a solucionar provisoriamente esse problema acerca do sucesso de Della Casa na França. A primeira delas são as edições disponíveis no portal *Gallica* da BnF, datadas de décadas distantes entre si: a primeira de 1573 – final do reinado de Carlos IX (1561–1574) da dinastia Valois –, a segunda de 1615 – sob o Bourbon Luís XIII (1610–1643) - e a terceira de 1666 – em pleno reinado de Luís XIV (1643-1715). Em sua bibliografia comentada, Craveri adiciona a essa lista as edições de 1562, de Jean Peyrat e Jacques Kerver, a de 1567, do abade de Duhamel e a de 1598, de Jean II de Tournes. Mais de um século separa a primeira, de 1562, da encontrada sob Luís XIV. Esses dados provam que a obra foi reeditada e traduzida. Portanto, era difundida e possuiu - por mais de um século - um público interessado nela.

Em segundo lugar, o prefácio ao leitor da edição de 1666 traz algumas constatações a serem sublinhadas. O texto, não assinado, faz referência ao sucesso encontrado pela obra e ao fato dela ter sido traduzida por pessoas dotas, para diferentes línguas, em diferentes lugares²⁰.

*Quoy qu’il en soit, il est tousiours constant que ses ouvrages ont eu l’estime de toutes les personnes de lettres : Mesme un des plus illustres & des plus doctes de nostre siècle a bien voulu se donner la peine de les faire imprimer avec des nottes fort sçavantes, & fort curieuses, & les diverses traductions du Galatée, sont assez juger qu’il a esté bien receu chez différentes Nations. En effet, il a esté traduit en Latin, en Espagnol, et mesme en François (...)*²¹.

17 Segundo Erich Auerbach, a partir principalmente da segunda metade do século XVII o termo “público” passará a designar não somente a “esfera pública no sentido político”, mas também a “esfera pública em sentido publicista”. O filólogo lembra, por outro lado, que ainda no século XVI “há exemplos isolados” do emprego do termo em sentido publicista. Erich Auerbach, *Op. cit.*, p. 212-213.

18 Peter Burke. *Op. cit.* (1997), p. 185–202.

19 Benedetta Craveri. *Op. cit.*, p. 560.

20 O autor também faz referência a d’*O Cortesão* de Castiglione e ao *Honnête Homme*, de Nicolas Faret.

21 Giovanni Della Casa. *Le Galatée/ premièrement composé en italien par J. de la Case; et depuis mis en François, latin, allemand et espagnol, traité très utile et très nécessaire pour bien dresser une jeunesse en toutes manières et façons de faire louables*. Trad. Jean-Baptiste du Hamel. Paris: René Guignard, 1666. p. 23. Edição disponível online <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k744474.langEN>. Acesso em 18/09/2012 [De qualquer maneira, é sempre constante

Podemos entender a referência às traduções como uma alusão à edição de 1615, em cujas 632 páginas encontramos o texto em italiano, francês, espanhol, alemão e latim. Esta edição – a qual temos acesso *online* – consiste portanto numa evidência que a obra possuía prestígio entre os “homens de letras” da França ainda na segunda metade do século XVII.

Os títulos escolhidos pelos editores ilustram a atualidade e a utilidade dos textos no período. O impresso bilingue de 1573, saído das prensas de Alexandro de Marsilij, traz as seguintes inscrições em italiano e francês:

Tratatto di costume, opera di M. Giovanni Della Casa - Fatto nuovamente Italiano & Franceze a commune utilita di quelli che si diletmano dell'una & l'altra lingua, & delle buone creanze.

Le Galatée - Fait nouvellement en Italien & François pour l'utilité de ceux qui se delecte en l'une & l'autre, & sont curieux de savoir toutes choses honnestes²².

Outra tradução para o italiano, *creanze* [maneiras, modos] em francês seria o termo *mœurs*. A escolha por *choses honnestes* [coisas honestas] parece indicar que a *honnêteté* [honestidade] já seria moeda de troca da civildade e traço marcante do ideário da alta sociedade letrada. Adiante, buscaremos definições desse conceito, dentre outros. Já a edição de 1615 é bem mais explicativa:

Le Galatee, prierement composé en Italie par I. de la Case, & depuis mis en François, Latin, Allemand, & Espagnol. – Traicté tres utile & tres necessaire, pour bien dresser une ieunesse en toutes manières & façons de faire louables, bien receues & approuvées par toutes gents d'honneur & de vertus : & propre pour ceux, que non seulement prennent plaisir en la langue Latine, mais aussi aux vulgaires, que pour iourd'huy sont le plus prisés²³.

Os títulos diferentes entre si indicam estratégias editoriais distintas. Se o de 1573 falava em deleitar-se (*ceux qui se delecte*) e em curiosidade (*sont curieux*), o de 1615 lembrava da utilidade (*tres utile*) e da necessidade (*tres necessaire*), substituindo o diletantismo do título em italiano de 1573²⁴ pela imperiosidade da educação entre os desejosos de serem aceitos socialmente. Como veremos, em Della Casa a civildade é algo a ser aprendido desde a infância, passível de ser exercitada e cultivada nos pequenos gentis-homens. Tal ponto de vista é sublinhado pelos

que essas obras tenham a estima de todas as pessoas de letras : Mesmo um dos mais ilustres & dos mais doutos de nosso século bem quis se dar a pena de fazer-lhes imprimir com notas sapientíssimas, & curiosíssimas, & as diversas traduções do Galateo, são suficientes para julgar que ele foi bem recebido em diferentes nações. De fato, ele foi traduzido para o latim, em espanhol, e mesmo em francês (...) (tradução livre).

22 Giovanni Della Casa. *Trattato de costumi, opera di M. Giovanni della casa, fatto nuovamente Italiano et Franceze a commune utilita di quelli che si diletmano dell'una & l'altra lingua, & delle buone creanze, le Galathée*. Lyon: Alexandro de Marsilij, 1573. p. 3. Edição disponível em:

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k52538j.langEN> Acesso em 18/09/2012 [Tratado de costumes, obra de M.

Giovanni della casa, feito novamente italiano & francês para a comum utilidade daqueles que se deleitam com uma & outra língua, & com as boas maneiras. / O Galateo – feito novamente em italiano & francês para a utilidade daqueles que se deleitam em uma & outra, & são curiosos de saber todas as coisas honestas] (tradução livre).

23 Giovanni Della Casa. *Le Galatée / premièrement composé en italien par J. de la Case; et depuis mis en françois, latin, allemand et espagnol, traicté très utile et très nécessaire pour bien dresser une jeunesse en toutes manières et façons de faire louables*. Trad. Domingo de Bezerra e Nathan Chytraeus. Montbéliard: J. Feuillet, 1615. p. 3. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k744474.langEN>. Acesso em 18/09/2012 [O *Galateo*, primeiramente composto na Itália por I. de la Case, & depois posto em francês, latim, alemão, & espanhol. – Tratado muito útil & muito necessário, para bem elaborar uma juventude em todas as maneiras e ações que fazem louáveis, bem recebidos & aprovados por todas as pessoas de honra & de virtudes: & própria para aqueles, que não somente tem prazer na língua Latina, mas ainda nas vulgares, que hoje em dia são as mais utilizadas] (tradução livre).

24 A palavra *dilettano*, com o sentido de deleitar, remete-nos a *dilettante*, a pessoa que dedica-se à arte ou literatura por interesse casual.

editores. Nesse ponto, podemos deduzir que se construiu em torno do *Galateo* de Della Casa um mercado de leitores semelhante aos que liam a *Civildade pueril* de Erasmo²⁵.

Conversação e silêncio em *O cortesão*, de Baldassare Castiglione

A famosa obra de Baldassare Castiglione, *O cortesão*, data de 1528. O livro tornou-se fundamental nas bibliotecas mais importantes da Europa desde sua primeira publicação: Gracián e Della Casa citaram-no; Elizabeth I recebeu dedicatória na tradução latina; François de La Rochefoucauld, Jaime VI/I e Maria Stuart tinham suas cópias; John Locke possuía três diferentes²⁶. *O cortesão* foi objeto de diversas traduções ao longo dos séculos XVI. Um exemplar passava de mãos em mãos, de salão em salão, pelos corredores das cortes de Portugal a Polônia²⁷. O livro foi um dos primeiros grandes fenômenos editoriais da modernidade.

Os quatro diálogos que compõem a obra correspondem a quatro noites passadas na corte de Urbino no ano de 1507. Após o jantar, a corte reuniu-se em torno da duquesa Elisabetta Gonzaga (1471–1526) e outras damas que discutiam um passatempo agradável para aquela noite. Surgiram algumas propostas, mas a vencedora foi a de Frederico Fregoso: os nobres dissertariam acerca das qualidades com as quais deveria ser dotado o cortesão perfeito. A proposta foi aceita. Mais à frente, a discussão iria estender-se também ao tema da dama palaciana perfeita.

As virtudes necessárias ao perfeito cortesão foram debatidas em diferentes campos: seus dotes artísticos, como esgrimista, sobre o cavalo, na dança e na conversação. É certo que a *questione della lingua*²⁸ é central: ao longo do primeiro livro o conde Ludovico e outros cortesãos entregam-se energicamente à empresa de fazer valer suas opiniões sobre o assunto, entediando as mulheres presentes no lugar. O próprio livro foi escrito em forma de conversação, mantendo viva em suas linhas a percepção de nos transportarmos ao *locus amoenus*, cercado de figuras importantes da corte de Urbino, distinguíveis por traços característicos, das quais emerge uma pluralidade de opiniões, motes e agudezas. Por outro lado, vale a pena ressaltar que ao longo do texto a importância da habilidade na conversação como atributo cortesão não é óbvia, como pode parecer ao leitor habituado a textos posteriores, especialmente franceses. Essa afirmação sustenta-se pela leitura do primeiro livro. Colocada como uma das primeiras virtudes do cortesão, o valor das armas não apenas foi discutido de modo equânime a outras virtudes destinadas a agradar, como a conversa e as artes, mas foi proposto antes²⁹. Assim, vemos a conversação/ assunto emergir, em suas primeiras linhas, como mais um tema dentre outros.

De qualquer forma, as referências aos atributos na conversação e aos prazeres associados às boas companhias fizeram-se notar. Após o conde Ludovico ter cunhado o conceito de *sprezzatura*

25 Jacques Revel. 'Os usos da civilidade' In: Philippe Ariès & Roger Chartier (orgs.). *História da vida privada: da Renascença ao século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, vol. 3. p. 177. De acordo com esse estudo, o livro de Erasmo de Rotterdam, anterior ao *Galateo* em algumas décadas, havia sofrido um processo de modificação e adaptação semelhante ao ocorrido com as obras de Della Casa e Castiglione. "Tão logo é publicada, *A civildade pueril* torna-se, pois, um bem comum. Mas não é apenas um grande sucesso de edição e, supomos, de leitura. O texto rapidamente se torna objeto de um trabalho coletivo que remaneja suas intenções e ao mesmo tempo redefine seus usos". Acerca do mesmo assunto, Norbert Elias explica que "um grupo inteiro de livros, direta ou indiretamente influenciados pelo tratado de Erasmo, surgiu sob o título *Civilté* ou *Civilté puérile*". Norbert Elias. *O processo civilizador*. Uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, vol. 1. p. 68.

26 Peter Burke. *Op. cit.* (1997), p. 185–202.

27 Idem. Capítulos 4 e 5. p. 67–113.

28 "Questão da língua", em italiano. Debate acerca do uso do dialeto toscano e de palavras antigas, bem como da imitação de autores como Giovanni Boccaccio (1313–1375) e Francesco Petrarca (1304–1374). O fato de que Pietro Bembo (1470–1547) seja uma das personagens d' *O cortesão* acentua a importância de tal discussão. Bembo, escritor veneziano e secretário de Leão X, contribuiu para o estabelecimento dos cânones gramaticais e estéticos da língua literária italiana baseado nas obras de autores do *Trecento*.

29 Baldassare Castiglione. *Op. cit.* (1997), p. 31–32. Assim argumenta Ludovico: "Mas, vindo a algumas particularidades, considero que a principal e verdadeira profissão do cortesão deve ser a das armas, à qual desejo sobretudo que ele se dedique vivamente, e seja conhecido entre os outros como usado valoroso e fiel aquele a quem serve".

(displícência, naturalidade, facilidade) e os cortesãos enveredarem no debate sobre a já citada questão da língua e mais alguns tópicos³⁰, a primeira noite encerrou-se de forma reticente, deixando espaço para mais conversas no dia seguinte. A segunda noite descrita no segundo livro *d’O cortesão* é-nos especialmente cara. Nela, D. Frederico foi encarregado de tratar sobre a fala do *cortegiano*, e Bernardo Bibiena sobre os motes – resultando numa das partes mais engraçadas do livro³¹. Não caberia aqui percorrer todos os gêneros e ideias presentes nas argumentações. Resta constatar que, a despeito da multiplicidade de opiniões presentes no diálogo, é possível distinguir uma ideia³². Ainda que não deixe preceptivas claras e uma opinião, o texto não deixa de ser um louvor aos prazeres da vida em boa companhia.

Destarte, ali [a corte de Urbino], leves conversações e honestas facécias eram ouvidas, e no rosto de cada um se via pintada uma jocosa hilaridade, de tal modo que se poderia chamar aquela casa de hotel da alegria; e não creio que noutro lugar se apreciasse toda a doçura que deriva de uma querida e amada companhia, como ali aconteceu um dia (...)³³.

Dentre as questões levantadas em torno do tema da conversação há duas regras universais, a saber, 1) evitar a afetação e 2) respeitar as circunstâncias³⁴. A primeira delas faz eco à *sprezzatura*, apresentada na noite anterior. Tais maneiras displicentes, graciosas, naturais - que visam minar a afetação – foram associadas não somente aos modos gerais do cortesão, mas passaram a ser pensadas num momento específico: a conversação. A *sprezzatura* ganhou força no interior da obra, retomada por outro interlocutor, Frederico, não restringindo-se à fala de Ludovico. A ideia prevaleceu. Já a segunda regra universal ajudou D. Frederico a esquivar-se do inconveniente de criar regras práticas, específicas.

Quanto a isso, creio que é verdadeiramente difícil definir qualquer regra, por causa das infinitas e diversas coisas que intervêm no conversar, sendo que dentre os homens do mundo não se encontram dois espíritos que tenham espírito completamente similar. Por isso, quem tiver de se habituar a conversas com tanta gente, deve se orientar por seu próprio juízo e, conhecendo as diferenças de um e de outro, troque de estilo e maneiras a cada dia, conforme a natureza daqueles com quem se disponha a dialogar³⁵.

Além das regras universais, discutidas rapidamente no âmbito das conversas cotidianas, D. Frederico expôs o que acreditava ser conveniente no convívio como príncipe. Suas orientações gerais eram de que o *cortegiano* deveria empenhar-se “com todos os pensamentos e forças de seu espírito a amar e quase adorar o príncipe a quem serve (...)”; e que todas as suas vontades, costumes e maneiras dirija no sentido de agradá-lo”. O cortesão deverá ser dotado de “discernimento para saber o que príncipe aprecia, engenho e prudência para saber se conformar a isso e a deliberada

30 Além da questão da língua, a discussão dá-se em torno de quais virtudes artísticas o cortesão deveria ser dotado, de qual forma de arte é superior (escultura ou pintura), sobre a imitação da natureza e sobre a “mistura” das virtudes das armas e letras. Enfim, a conversa transita por diferentes temas.

31 Devido às muitas anedotas narradas.

32 Interpretando Mikhail Bakhtin citado por Peter Burke, acerca das obras platônicas, nos diálogos “a multiplicidade de vozes se extingue na idéia”. Mikhail Bakhtin *apud* Peter Burke. *Op. cit.* (1997), p. 32.

33 Baldassare Castiglione. *Op. cit.* (1994), p. 16.

34 Idem. p. 92 “(...) primeira e mais importante, evite, como bem lembrou o conde ontem à noite, sobretudo a afetação. Depois, considere bem aquilo que faz ou diz, e o lugar onde faz, na presença de quem, em que ocasião, a causa que o leva a fazê-lo, sua idade, a profissão, o fim para o qual se tender e os meios que àquilo podem levá-lo (...)”.

35 Idem. p. 102.

vontade de encontrar prazer naquilo que talvez por natureza lhe desagradasse”³⁶. Note-se a distinção entre a conversa cotidiana e a com o príncipe. O decoro esperado numa conversa corriqueira é ilustrado pela paridade entre os espíritos que entretêm-se em certas circunstâncias e situações. Um velho dirige-se convenientemente a um jovem ou uma jovem; deste espera-se que aja de acordo com o natural e costumeiro a sua condição. Ante o príncipe, no entanto, evidencia-se a hierarquia que transforma todos em súditos: espera-se um comportamento que transcenda o respeito, diluindo a paridade num ideal amor pelo soberano, por dever e lealdade. A regra universal da conveniência mostra sua utilidade: os homens que têm da corte o hábito seriam capazes de julgar que o aceitável numa reunião ordinária não seria correto em outra, pelo simples fato do príncipe estar ali presente. Mais de um século adiante, na França, podemos imaginar essa tensão da conveniência, a discussão entre os diferentes tons e palavras numa sociedade na qual o poder e os costumes são ritualizados, policiados e divididos em círculos distintos como a corte e os salões entre Versalhes e Paris.

O silêncio na obra de Castiglione surge ora como tema da discussão, ora como uma espécie de “marcação de palco” na corte de Elisabetta Gonzaga, ora como autoimposição. A segunda incidência é predominante. Em alguns momentos um ou outro interlocutor louvou a taciturnidade enquanto virtude, mas isso não rendeu debates ou apologias mais profundos – como veremos, por exemplo, no tratado de Della Casa. Eis alguns exemplos das principais variações de silêncio na obra:

[Ex. 1]

(...) mas a senhora duquesa de súbito disse - Uma vez que dona Emília não quis se dar ao trabalho de buscar algum jogo, seria o caso de que outras mulheres desfrutassem a mesma comodidade e fossem também isentas de tal fadiga esta noite, estando presentes tantos homens que não há perigo de que venham a faltar jogos. – Assim faremos - respondeu a senhora Emília; e, impondo silêncio a dona Constanza, dirigiu-se a dom Cesare Gonzaga, que estava sentado a seu lado e lhe ordenou que falasse³⁷.

[Ex. 2]

- Aqui intervieram muitos, quase todos querendo contradizer o senhor Gasparo [que havia apresentado argumentos ofensivos às mulheres]; mas a senhora duquesa a todos impôs silêncio (...) ³⁸.

[Ex. 3]

Portanto, é melhor silenciar aquilo que sem dor não se pode relembrar e, afastando-me deste propósito no qual entrei a contragosto, voltar ao nosso cortêsão³⁹.

[Ex. 4]

[após Ludovico falar sobre música] Aqui, calando-se um pouco o conde, disse o magnífico Iuliano (...) ⁴⁰.

Vários exemplos são semelhantes aos acima⁴¹. O que eles apontam? Os quatro fragmentos são de naturezas um pouco distintas. Os exemplos 1 e 2 aproximam-se um do outro, mas diferenciam-se dos 3 e 4.

O cortêsão traz os diálogos ocorridos na corte de Urbino sob os olhares de Elisabetta Gonzaga,

36 Idem. p. 103.

37 Idem. p. 20 (grifo nosso).

38 Idem. p. 123 (grifo nosso).

39 Idem. p. 67.

40 Idem. p. 74.

41 Idem. p. 21, 22, 24, 80, 81, 92, 101, 103, 123, 131, 188, 195, 199 *et passim*.

mulher do duque Guid’Ubaldo. Parte da autoridade exercida por ela é exemplificada, representada e teatralizada por sua função nos entretenimentos do palácio. Elisabetta devia coordenar os jogos, policiar a conversa e os argumentos, zelar pelo respeito e pela boa condução da diversão. Para tanto, utilizava-se do silêncio que sinalizava a um cortêsio quando havia ultrapassado certos limites de decoro⁴². Enfim, Elisabetta enquadrava a discussão nos limites de preceitos morais que julgava adequados, de forma a interromper os inoportunos, combater desvios de assunto que poderiam entediá-la ou desvirtuar o jogo e estabelecer os parâmetros pelos quais deveriam nortear-se os interlocutores.

Os exemplos 1 e 2 mostram muito bem essa função. No primeiro fragmento, ainda não havia se decidido qual jogo aconteceria. Algumas propostas surgiram, mas a dama palaciana Emília recusou-se a dar uma sugestão. Dessa forma, Elisabetta sinalizou para D. Constanza, outra dama palaciana, que ela não deveria propor uma diversão, deixando passar sua palavra, concedida a Cesare Gonzaga. Não tratava-se de uma desfeita. Da mesma forma que o jogo surgia ao acaso, suas regras eram geradas contingencialmente. Nesse sentido, o ato da duquesa não representou tanto uma imposição negativa, mas uma forma de indicar qual seria o papel dos homens e o das mulheres na brincadeira. As figuras femininas, não somente a duquesa, desempenhavam a função de gerentes da conversa, sendo os homens encarregados de discursar.

No fragmento do exemplo 2 vê-se a reafirmação do papel de autoridade da duquesa no jogo da corte, mas em outra circunstância. Neste momento, os diálogos já se davam há algum tempo e Gasparo Pallavicino cometeu uma falta de cortesia, ofendendo a honra das mulheres⁴³. Punindo-o com o silêncio, a duquesa demonstrou a Pallavicino e aos demais cortesãos que certos limites foram ultrapassados em sua argumentação. Gasparo Pallavicino sugeriu a seus ouvintes que tratava-se de um comentário sarcástico, provavelmente irrelevante, o que Castiglione evidenciou pelo uso do *ridendo*. De qualquer forma, coube à duquesa interromper esse intervalo impertinente em nome do que julgava o bom nível e a honestidade do jogo.

O exemplo número 3 é de outra característica. Não se trata de uma imposição externa ao que cala, mas de uma autoimposição. O silenciar-se não significa passar a palavra e cessar de falar, mas romper com um assunto impertinente ou inconveniente. Ludovico tratava dos méritos das letras e das armas e sobre o quanto a soma de um talento ao outro era notável: melhor que um bom esgrimista ou um conhecer dos livros seria um espadachim letrado. O que incomodou, no entanto, foi o fato de que, diferentemente dos franceses que obtiveram êxito nas armas e ignorância nas letras, os italianos eram exemplarmente letrados, mas não cessavam de sofrer derrotas militares. Para um homem nostálgico e apaixonado por sua terra como Ludovico, a memória dessas infelicidades tornava-se inconveniente, uma vez que o intuito daquela conversa era deleitar e instruir. O silêncio serve de autocensura a um assunto melancólico, em geral desagradável. Como veremos, o mesmo uso do silêncio aparece no *Galateo*, mas como conselho dado pelo rústico de Della Casa.

O exemplo 4, enfim, ilustra outra modalidade. O conde Ludovico era, naquele momento, o cortêsio encarregado de discursar. O Magnífico Iuliano, no entanto, gostaria de fazer uma intervenção de forma a cruzar sua fala de ouvinte ao encarregado da palavra. De forma a não faltar com o decoro, Iuliano aguardou um momento de silêncio para manifestar-se. Castiglione fez questão de evidenciar esse espaço de intromissão. O silêncio ali sublinhado deixa clara a diferença

42 Podemos questionar-nos se Elisabetta também não teria feito o gesto harpocrático clássico de levar o indicador sobre os lábios.

43 B. Castiglione. *Op. cit.* (1997), p. 123. Em meio aos exemplos de paixões heróicas femininas narradas por D. Frederico, Gasparo diz *ridendo*: “Vós, para dar força à vossa argumentação, alegais histórias de mulheres, que na maior parte são destituídas de razão; e, se quereis dizer qualquer coisa, esse favorito das mulheres devia ser um néscio e homem de pouco valor na verdade; pois é costume delas ligar-se sempre aos piores e, feito ovelhas, fazer o que vêem ser feito pela primeira, bem ou mal que seja, além de serem tão invejosas umas com as outras que, mesmo se esse homem fosse um monstro, teriam querido roubá-lo uma da outra”.

entre cortesãos como Iuliano – respeitoso, a ressaltar a virtude da música na formação do *cortegiano*, no terceiro livro encarregado de louvar e defender as virtudes femininas – e Gasparo Pallavicino – desbocado, cheio de comentários desonrosos às mulheres. A situação acima é um bom exemplo de como, nas sociedades aristocráticas, o silêncio era uma importante ferramenta no delineamento de perfis discretos e excessivos: trata-se aqui do silêncio de complacência, ou seja, a inclinação de calar enquanto se ouve outra pessoa. A evidência de que houve uma pausa antes de Iuliano interromper uma fala mostra a distância que separa-o de Pallavicino, que faz isso a seu bel prazer, a todo momento silenciado pela duquesa.

Devido às suas grande circulação e fama, *O cortesão* foi, nas palavras de Jacques Revel, “adaptado, deformado, plagiado”⁴⁴. De acordo com Peter Burke, foi “traduzido”, “imitado”, “criticado” até tornar-se obsoleto⁴⁵. De qualquer forma, para além dos termos empregados ou do fato dele ter encontrado uma diminuição drástica em suas edições no século XVII, importa que a obra de Castiglione figurou dentre os fundamentos da civilidade e da cultura mundana na França ainda por séculos⁴⁶. Por outro lado, o texto não nasceu como um fenômeno, muito menos um guia, manual ou tratado prático de conduta, como as obras de Guazzo ou Della Casa. *O cortesão* de Castiglione pertencia ao gênero dos diálogos. Verifica-se nele uma multiplicidade de opiniões, e não lições e conselhos práticos⁴⁷. O leitor de Castiglione não lia como deveria ser o cortesão perfeito, mas como deveriam ser os cortesãos perfeitos, de acordo com as opiniões de Bembo, Cesare Gonzaga, Iuliano, D. Frederico etc. Para Revel, uma das novidades da obra residia no fato desta apresentar-se “não como um manual pedagógico, e sim como a livre improvisação de uma elite imediatamente reconhecida como tal, que não precisa molestar-se com ‘nenhuma ordem, regra ou distinção de preceitos’”⁴⁸.

Além disso, se seguirmos a leitura proposta por Sérgio Alcides, seríamos levados a pensar que Castiglione toma a pena envolvido pela memória de uma cortesia que não existia mais.

O saque de Roma pelas tropas de Carlos V, em maio de 1527, abriu um fosso na experiência do tempo, e toda a confiança antes depositada na dignidade humana agora cedia a vez ao temor perante estruturas, mais especificamente políticas do que o animal político de Aristóteles, dispostas a expulsar o homem do centro do universo (...) Redigido antes e publicado depois do saque, o livro adquiriu automaticamente uma aura de nostalgia, como se o ideal do perfeito cortesão passasse a representar, à revelia do autor e dos interlocutores que o “pintam” e discutem com a maior serenidade, a consciência de superioridade do passado atirada nas faces de um presente vil, tão altiva quanto impotente⁴⁹.

44 Jacques Revel. *Op. cit.*, p. 193.

45 Peter Burke. *Op. cit.* (1997), p. 136.

46 Questiona-se a hipótese de Norbert Elias, segundo a qual “a matriz inicial de nossas sociabilidades modernas ou pelo menos recentes, à base da cortesia e de delicadeza mútua” devem ser buscadas na sociedade de corte, a *Höfische Gesellschaft*. Essa hipótese partiria de uma operação teleológica pela qual Elias lançou um olhar sobre a baixa Idade Média e a modernidade em busca não de suas particularidades, mas perseguindo aquilo que queria explicar na contemporaneidade burguesa. O argumento é de Emmanuel Le Roy Ladurie. *Saint-Simon, ou o sistema de corte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 473. De qualquer forma, certas particularidades da convivência aristocrática de corte e de salões podem ser observadas ao longo do século XIX e início do XX, das quais o romance de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*, seria uma das últimas testemunhas ao caracterizar, por exemplo, o salão e o “espírito” dos Guermantes, familiar distante do *esprit* dos Mortemart, como a duquesa d’Orléans, amiga de Saint-Simon. Mas nunca é demais ter em mente a constatação de Ladurie (p. 44) de que a “culturalização é *sui generis*, convém estudá-la nela própria e por ela própria”.

47 Temos por referência a defesa que Peter Burke faz dessa hipótese em *As fortunas d’O cortesão*. Cabe aqui outra consideração, ainda que breve, acerca do diálogo, de Leila Costa: “O gênero seduz e torna quase naturais observações por vezes bastante eruditas. O estilo é fluente, deleitável, quase ameno (...)”. Diferente, portanto, da rigidez que os textos normativos podem implicar. Leila de Aguiar Costa. *Antigos e modernos: a cena literária na França do século XVII*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2009. p. 35.

48 Jacques Revel. *Op. cit.*, p. 194.

49 Sérgio Alcides Pereira do Amaral. *Desavenças: poesia, poder e melancolia nas obras do doutor Francisco de Sá de*

De uma forma ou outra, tratando-se de um diálogo neoplatônico destinado a eternizar uma corte alegre de seu tempo – em resposta aos mais velhos que só louvavam as antigas – ou uma obra nostálgica narrando uma convivência alegre passada, podemos pensar que os quatro diálogos não nasceram como obra essencialmente “prescritiva”.

Por outro lado, é necessário pensar em que medida a oposição entre “descrição” e “prescrição” não é demasiado artificial e falha. Se voltarmos ao exemplo 3, questionamo-nos se Castiglione não constrói perfis de excesso e discrição como o de Iuliano e Pallavicino. Ainda que a narrativa faça prevalecer uma multiplicidade de ideias, afastando de si a função de prescrever normas rígidas, isso não anula a possibilidade de ter sido lida como obra exemplar, ainda antes de estratégias editoriais que evidenciam esse papel. O limiar que visa opor descrição à prescrição torna-se frágil ao depararmos com uma obra cuja rememoração atenta dos comportamentos em sociedade é potencialmente exemplar. Mais que ler os diálogos tendo em mente os perigos de classificá-lo em virtude de seu conteúdo, faz-se necessário problematizar a forma pela qual eles foram lidos e recebidos nos diferentes momentos em que foram reeditados. Tudo indica que obras de tom nitidamente pedagógico como *Civilidade pueril* de Erasmo de Rotterdam e *Galateo* de Della Casa – que tratam da educação moral e civil em termos práticos - eram destinadas a um público diferente do de Castiglione, menos interessado em normatizações. A transformação do nostálgico diálogo sobre valores e costumes num guia prático de como portar-se em sociedade foi fruto de estratégias editoriais⁵⁰ já tratadas. Por ora, lancemos os olhos sobre o *Galateo*.

Conversação e silêncio em *Galateo*, de Giovanni Della Casa

O *Galateo* trata especificamente da conversação: traz a palavra em seu título completo⁵¹. Della Casa, valendo-se de um rústico, dá conselhos a um jovem prestes a “entrar no mundo”. De maneira clara e exemplificada, o “velho” instrui o aspirante a gentil-homem e os leitores sobre o que parece-lhe conveniente “para ser educado, agradável e de boas maneiras ao *comunicar* com toda gente”⁵². Essa virtude expressa-se em todos os momentos como uma *observação* dos costumes, reflexo da boa educação. Comunicação e observação: não se trata apenas de trocas verbais, mas de uma forma completa de informação acerca de sua própria educação civil a ser comunicada pela forma de falar – a qual Della Casa dedica a maior parte de seu tratado -, mas também no agir, no vestir etc. Um gentil-homem não oferece uma maçã após mordê-la, não limpa seu nariz nem tira as calças em público. Adiante, viriam conselhos acerca de como ouvir e calar(-se). Um fragmento ilustra o quanto a conversação exige da formação do gentil-homem.

Convém a quem gosta de ser agradável a todos na conversação fugir dos vícios, principalmente dos mais sujos, como a luxúria, a avareza, a crueldade e outros. Alguns deles são vis, como ser guloso e embriagar-se; alguns feios, como ser luxurioso; alguns celerados, como ser homicida⁵³.

Não se trata de fugir dos vícios como assunto ou tema da conversação. É preciso fugir das ações viciosas para ser gracioso em tudo. A formação de um grande conversador exige depuração

Miranda. São Paulo: Tese de doutorado em História social, Universidade de São Paulo, 2007. p. 209.

50 Peter Burke. *Op. cit.* (1997), p. 52-57.

51 O título completo da obra de Della Casa conforme a edição brasileira consultada é: *Tratado do senhor Giovanni Della Casa no qual, sob a pessoa de um velho rústico que instrui um rapaz, argumenta-se sobre os modos que se devem ter ou evitar na conversação civil, chamado Galateo ou dos costumes*.

52 Giovanni Della Casa. *Op. cit.* (1999), p. 4 (grifo nosso).

53 Idem. p. 82.

moral completa. O rústico de Della Casa acredita veementemente na instrução⁵⁴. Todas as ações civis devem ser belas, gentis, evitando-se toda feiura e desproporção. Esse feito é possível ao alcançar-se uma “medida conveniente”⁵⁵, pela qual todos os vícios e afetações são controlados⁵⁶. O problema é que, em natureza, o homem não é mais que um animal. Por mais que essa condição tenha “freio” e “mestre” - o costume e a razão -, a observação dos hábitos louváveis não é fácil, pois é “parto e efeito do tempo”⁵⁷. A proposta de Della Casa é a instrução dos pequenos gentis-homens⁵⁸. Fazer-se agradável é uma regra difícil de ser observada, pois são tantos os meios de desviar-se dos costumes pelos vícios e excessos, que a forma mais acessível de fazer-se gracioso é aprendendo desde pequeno.

A medida certa deve fazer parte do gentil-homem, pois “na conversação peca-se de muitos e variados modos”. Della Casa dedica grande parte do seu tratado listando as diferentes formas de se errar nos diálogos, portanto, nas trocas orais. Quanto à matéria proposta, “não deve ser frívola nem vil”⁵⁹, não se deve falar contra Deus e os santos. Ainda mais, pois em pensamento o gentil-homem deve repudiar aqueles que cometem essa inconveniência grave⁶⁰. Assuntos melancólicos devem ser matéria da tragédia, pois a conversa civil e cortês não foi feita para causar choro e tristeza⁶¹. O homem honesto agrada aos outros com coisas honestas, e o que propõe para conversar é um reflexo de sua educação.

Não serão poucas, no entanto, as vezes que o jovem instruído por Della Casa seria colocado em situações constrangedoras, nas quais o assunto da conversa foi imprudentemente escolhido, ou ele mesmo tem vontade de falar de matérias que não cabem às circunstâncias. Para esses momentos, o velho rústico apresenta duas alternativas: *o desviar* e *o calar-se*. Se alguém, durante uma conversa, entrou em assuntos fora de propósito, sua habilidade deverá “de modo apropriado e amável” desviar o responsável e a conversa de tais matérias⁶².

Nos mesmos assuntos, no entanto, antes de fugir, *convém calar-se*⁶³. Essa medida é mais segura. Como a narração dos sonhos, a ser evitada nas conversas, por ser em grande parte aborrecedora, à exceção de um exemplo sobre os sonhos, de Flaminio Tomarozzo: “jamais me pareceu merecer que por ele[s] se devesse romper o silêncio”⁶⁴. A experiência onírica podia ser assunto da conversa quando fosse quase uma recusa do sonho, quando “mais se assemelham ao pensamento de uma mente bem desperta”⁶⁵. A conversa devia ser conduzida de forma racional e o que fugisse a essa premissa corria risco de aborrecer o ouvinte.

54 O que gera uma ironia e reforça, por paroxismo, o argumento do rústico, desinstruído.

55 Idem. p. 79.

56 Idem. p. 82. Quanto à questão do controle da afetação, vemos um eco nítido de Castiglione: a *sprezzatura* faz-se ouvir nas linhas do Galateo, mas sob outros aspectos. O seguinte fragmento ilustra bem isso: “(...) assim, os costumes das pessoas, ainda em si mesmos nada nocivos, são algumas vezes tolos e amargos, se não forem temperados por uma certa *suavidade*, chamada, como creio, *graça* e *formosura*” (grifos nossos). Peter Burke reforça o argumento de que há referências nítidas d’*O cortesão* no texto de Della Casa. Peter Burke. *Op. cit.* (1997), p. 97: “O perigo oposto é o de se notarem empréstimos d’*O Cortesão* apenas quando o nome do autor é mencionado. Há poucas dúvidas, por exemplo, de que Giovanni Della Casa, autor do famoso livro sobre cortesania Galateo (...) [fez] uso d’*O Cortesão* sem citar o livro ou seu autor”.

57 Giovanni Della Casa. *Op. cit.* (1999), p. 78.

58 Idem. “Por isso, requer-se começar a escutá-la desde cedo; não somente porque assim o homem tem mais tempo para habituar a ser como ela ensina, mas tornar-se seu familiar e ser dos dela, mas ainda porque a tenra idade, por ser pura, mais facilmente tinge-se de toda cor; e também porque aquelas coisas, às quais as pessoas se habituam primeiro, costumam sempre agradar mais”.

59 Idem. p. 24.

60 Idem. p. 25.

61 Idem. p. 26. Esse conselho aproxima-se ao exemplo 3, citado ao tratarmos da obra de Castiglione.

62 Idem. Matérias melancólicas, sobre chagas, doenças, mortes, pestilências e lembranças dolorosas.

63 Idem. “Convém, portanto fugir de falar de coisas melancólicas, e antes calar-se”.

64 Idem. p. 27.

65 Idem. p. 28.

As mentiras deviam ser caladas, ainda mais as exaltações de si mesmo. A mentira era sempre condenável; falar sobre si e seus feitos só era aceitável quando modestamente feito e verdadeiro, mas principalmente quando as circunstâncias obrigavam o interlocutor a fazê-lo. As cerimônias (reverências), de semelhante forma, deviam ser realizadas com cuidado, à luz dos costumes, sem afetação, pois havia, em matéria de cortesia, poucos vícios tão condenados quanto a bajulação.

Calar-se tem um papel fundamental no texto de Della Casa, mas não elimina a possibilidade da conversa. Os educados dão importância especial ao silêncio, pois sabem dos perigos de se falar muito.

E não consigo adivinhar de onde venha isso de que quem menos saiba mais fale; coisa da qual, isto é, de falar muito, convém que os homens educados se guardem, e especialmente sabendo pouco, não somente porque é grande façanha alguém falar muito sem errar muito, mas também porque parece que aquele que fala seja superior, de certo modo, àqueles que ouvem, como o mestre aos discípulos⁶⁶.

É interessante notar que, de acordo com o argumentado acima, o homem educado não é, necessariamente, aquele que sabe muito. Sua sabedoria não seria fruto das leituras⁶⁷, mas do conhecimento dos costumes, um senso de conveniência, um autoconhecimento e controle de si. Pode-se ser educado sem saber muito. Cabe aqui lembrar o emblema do italiano Andrea Alciato (1492 – 1550), *in silentium*. Nele, vemos a gravura de um homem sentado numa mesa de estudos, na qual lê um livro com o dedo indicador sobre os lábios. Abaixo, a seguinte inscrição:

O tolo calado não difere do sábio:
Da tolice é testemunha a linguagem
Por isso pelo dedo a boca fecha, e calada
Em Harpócras Egípcio se transforma.

A palavra dá a conhecer
a sabedoria, ou a tolice do homem⁶⁸.

Há aqui um jogo de referências interessante. Se, por um lado, há Harpócrates, o deus egípcio – e grego – do silêncio, caracterizado desde a antiguidade pelo gesto de fechar os lábios atravessando-os com o dedo indicador, não podemos esquecer o paralelo bíblico, salomônico, entre o tolo que se cala e o sábio: “Até o estulto, quando se cala, passa por sábio,/ por inteligente, aquele que fecha os lábios”⁶⁹.

Nessa linha de pensamento moral, a prática fazia a honestidade, a gentileza e a habilidade. Não tratava-se somente de dizer coisas sábias e honestas, mas também parecer sábio e honesto. Uma atitude silenciosa, ensinava o rústico de Della Casa, seria tão eloquente quanto uma demonstração oral, pois o que está em jogo não é a distinção intelectual dos sujeitos –que começa a ganhar prestígio nos salões letrados do século XVII, tornando-se comum no século XVIII⁷⁰ –, mas

66 Idem. p. 73 (grifo nosso).

67 Vale citar que ainda na França seiscentista, a superioridade do conhecimento moral prático em relação ao conhecimento erudito está presente. Um exemplo disso é a máxima de La Rochefoucauld presente no suplemento da reedição de sua obra em 1693: *Il est plus nécessaire d'étudier les hommes que les livres* [É mais necessário estudar os homens do que os livros]. François de La Rochefoucauld. *Les moralistes*. Col. *Le monde de la philosophie*. Paris: Flammarion, 2008. p. 96.

68 Em Roger Chartier. 'As práticas da escrita' In: Philippe Ariès & Roger Chartier (orgs.). *Op. cit.*, p. 127. A tradução do texto é nossa; o emblema com tal legenda é da tradução francesa editada em Lyon no ano de 1549, disponível em <http://gallica.bnf.fr/Search?ArianeWireIndex=index&p=1&lang=EN&q=alciato+1549>. Acesso em 18/09/2012.

69 Provérbios. 17.28. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 1047. Ainda que o paralelo com o emblema de Alciato seja nosso, devemos a nota bíblica à edição de 1714 das *Máximas e reflexões*, de La Rochefoucauld, reorganizada e anotada por Houssaye, que cita o provérbio em latim em nota político-histórica.

70 Cristina da Suécia, ao acolher René Descartes em sua corte, demonstra suas predileção e tolerância em receber

uma distinção de natureza estritamente moral, observada nos gestos, ares etc. O parâmetro em jogo é a urbanidade, não a ciência.

Se os fatos que demonstram a ampla difusão desses textos forem tão certos quanto parecem, os estudos da difusão dos valores da civilidade na França podem tirar vantagens da comparação entre a conversação e o silêncio presentes em Della Casa e Castiglione. Mapear a difusão dessas obras é o caminho proposto por muitos estudiosos contemporâneos à compreensão da difusão das ideias de civilidade na Europa. Os silêncios e as conversas acima descritos nas obras italianas diferem entre si. Em Castiglione é “pintada”⁷¹ uma conversa de corte na qual surge como tema a própria conversa. Poucas regras são elaboradas, além das duas “universais”. O silêncio é um indicativo de inadequação à conversação, inadequação de assunto, de decoro, de momento. Já no *Galateo*, há conselhos mais instrumentais acerca da matéria e da forma de conversar-se na cidade: o tratado é sobre a conversação. Neste caso, o silêncio é tomado como estratégia civil e de polidez. Se num caso o silêncio é rompimento da palavra, imposto por uma autoridade a nobres que já reconhecem-se como tais, no outro é meio de comunicar a educação do gentil-homem a estranhos, uma forma de fazer-se reconhecer pelo mundo. Levar em consideração essa pluralidade de usos e práticas dos comportamentos silenciosos pode alertar o pesquisador para gestos, ares e processos de repressão corporal até então negligenciados.

no seu círculo de convivas um homem que alimentava receios a respeito da França em função de suas opiniões excessivamente antiaristotélicas. A ampliação do conceito do salão, passando de um círculo de nobres e letrados empenhados em jogos de sociedade para o de filósofos e homens de ciência em torno de damas “esclarecidas”, imprimiria traços característicos à grande retomada das *ruelles* após o fim do reinado de Luís XIV. *On n’y trouvait plus trace des jeux de société ou autres passe-temps, car l’intérêt de la conversation suffisait à mobiliser l’attention des habitués et annonçait les salons du siècle suivant. C’était la première foi qu’un cercle mondain comptait autant de philosophes et d’hommes de science; pour la première fois, ce n’étaient pas les spécialistes qui allaient à la rencontre des amateurs, mais ces derniers qui se montraient prêts à aborder les sujets les plus ardues, à acquérir les rudiments indispensables pour comprendre les grandes découvertes philosophiques et scientifiques du monde moderne* [Não achemos mais traço dos jogos de sociedade ou outros passa-tempos, pois o interesse da conversação bastava para mobilizar a atenção dos habituados e anunciava os salões do século seguinte. Era a primeira vez que um círculo mundano contava com filósofos e homens de ciência; pela primeira vez, não eram os especialistas que iam ao encontro dos amadores, mas esses últimos que se mostravam prontos a abordar os assuntos mais difíceis, a adquirir os rudimentos indispensáveis à compreensão das grandes descobertas filosóficas e científicas do mundo moderno]. Benedetta Craveri. *Op. cit.*, p. 313 (tradução livre).

71 Para empregar o termo usado pelo próprio Castiglione: “(...) este livro como um retrato de pintura da corte de Urbino (...)”. Baldassare Castiglione. *Op. cit.* (1997), p. 5.